



Estou tão sem Deus como antes de 'Os Versículos'

Leonídio Paulo Ferreira



Salman Rushdie recusa aderir a um conceito simplista de choque de civilizações entre o Ocidente e o Islão, pois "dizer que existem dois blocos em conflito é um grande erro". Presente no colóquio "Qual é o Deus do Mediterrâneo", organizado em Santa Maria da Feira pelo Festival Sete Sóis Sete Luas, o escritor indobritânico reafirmou, porém, a tese de que o islão, para ter um lugar no mundo actual, tem que reformar-se, tal como fez o cristianismo há 500 anos. As críticas ao islão, sobretudo ao fundamentalismo, foram partilhadas pelos outros conferencistas, o arqueólogo Cláudio Torres e o padre e professor de Filosofia Anselmo Borges. A moderar o debate esteve o jornalista Carlos Magno, antigo subdirector do DN.

Nascido numa família muçulmana de Bombaim "muito pouco religiosa", admite o próprio Rushdie, o escritor vive agora uma aparente normalidade, depois de uma década a esconder-se de assassinos. "Não sou do Irão. Não tenho nada que ver com o Irão, excepto que um dia quiseram matar-me. Acho que já não querem", afirmou, com ironia, referindo-se à polémica causada pelo seu livro *Os Versículos Satânicos*. Em 1989, acusando-o de blasfémia, o *ayatollah* Khomeini lançou uma "fatwa" contra Rushdie, famoso até então sobretudo pelo seu livro *Os Filhos da Meia-Noite*, uma metáfora sobre a independência sangrenta da Índia e do Paquistão que lhe valeu o prémio Booker de 1981. Ontem em Santa Maria da Feira não se notavam medidas especiais de segurança, prova de que o escritor se sente "novamente um homem livre".

Conhecedor em primeira mão dos riscos do fundamentalismo islâmico – tema, aliás, de *Shalimar o Palhaço*, o seu mais recente livro, editado já pela Dom Qui-

Diário de Notícias 02-12-2006

xote – Rushdie criticou as religiões em geral. E foi mesmo ao ponto de afirmar que "Deus é o grande erro da espécie humana. Um erro compreensível. Afinal, não sabemos de onde o universo vem." O islão dos seus antepassados, e também da "fatwa", preocupa-o especialmente, porque "mais que qualquer outra religião, procura regular todos os aspectos da vida". E é nesse sentido que recomendou que essa grande religião, com mais de mil milhões de crentes, se reforme. Rushdie sugeriu que "o islão tem de dar passos no sentido da interpretação". Deixar de ver o Alcorão como a palavra final de Deus e mais como "um produto da Arábia do século VII". E citou um filósofo muçulmano da Idade Média, Averróis, que argumentava que, se como dizem, Deus não tem características humanas, não pode falar árabe. E, portanto, acrescentou, "o Alcorão é já por si uma interpretação da mensagem de Deus (Alá em árabe)". Afirmação próxima da blasfémia para muitos muçulmanos.

Cláudio Torres, director do Campo Arqueológico de Mértola, lembrou os tempos passados do islão, sobretudo na Península Ibérica, onde existiu um certo espírito de tolerância. E explicou que, mais que uma invasão árabe no século VII, houve "uma passagem natural de muitos habitantes do Sul de Portugal e de Espanha do paleocristianismo ao islão". E que entre as diferentes religiões do Mediterrâneo houve tradicionalmente uma coexistência. O arqueólogo lamentou que os tempos hoje sejam menos positivos. E citou um país como o Líbano, onde ainda há pouco era possível ver uma vizinhança pacífica entre aldeias drusas, maronitas, católicas ou muçulmanas xiitas. Anselmo Borges, professor na Universidade de Coimbra, lembrou também o passado tolerante do islão. E que, "pelas suas evidentes influências bíblicas", o próprio Alcorão recomenda tratar bem os judeus e os cristãos.

Questionado sobre o seu último livro, Rushdie declarou-se muito satisfeito com a recepção que está a ter *Shalimar o Palhaço*, dedicado à Caxemira, a terra dos seus avós. Admitiu que o casamento entre o muçulmano Shalimar e a hindu Boonyi, que acontece no livro, sempre foi um caso raro, não só na Caxemira como na Índia em geral, mas como escritor, disse, é seu papel ir muitas vezes além da realidade. Lembrou, contudo, que entre as excepções está o seu próprio casamento, pois a sua mulher é originária de uma família hindu. Sobre *Os Versículos Satânicos*, congratulou-se por finalmente estar a ser lido como um livro e não como o ponto de partida para um debate sobre o fundamentalismo islâmico.